

MULHERES DE OURO: NARRATIVAS DE ESPOSAS DE GARIMPEIROS QUE SE TORNARAM PROFESSORAS

BONFIM, Rudney Ferreira – UNIUBE - rmargato@hotmail.com

ABREU-BERNARDES, Sueli Teresinha de – UNIUBE – sueli.bernardes@uniube.br

ET: Educação, arte e filosofia – nº 01

Introdução

A época do ouro no município de Itaituba, no Pará, tem sua culminância na década de 80 onde se constituiu um tempo para uma experiência singular de exercício do ofício de educador. Nesse período, esposas de garimpeiros, sem formação escolar para a docência, assumiram o papel de professoras para atender as crianças da localidade, pois não existiam profissionais formadas para o magistério. Em contexto de pobreza, de busca por melhoria de vida por meio do ouro garimpado, famílias inteiras migraram para a cidade e em consequência dessa migração, crianças viviam sem escolarização. Faltavam mestres e escolas. Enquanto os maridos permaneciam em seu trabalho no garimpo, mulheres buscavam a sobrevivência na cidade. Em meio à carência de educação para os filhos, algumas mulheres decidiram colaborar para resolver o problema escolar: tornarem-se mestras para alfabetizar os pequenos buscando resolver, ao mesmo tempo, seus problemas de sobrevivência.

Neste texto, por meio das lembranças evocadas, apresenta-se o sentido que as mulheres de garimpeiros davam ao seu trabalho, comenta-se os saberes constituídos na própria experiência e a relação das narradoras com seus saberes experienciais.

As narrativas foram utilizadas neste estudo na perspectiva teórica de Benjamin (1994) e Bosi (2001) e são articuladas com referenciais teóricos que subsidiam a escuta das falas, em especial com a proposta de Tardif (2002) sobre os saberes responsáveis pela formação profissional.

Segundo o pensamento de Benjamin (1994), o homem é um ser que constrói sua história a partir de narrar situações vividas ou até imaginadas. Ao relatar suas histórias ele se aprende e se apreende enquanto ser pensante, atuante e presente no mundo e nas relações que estabelece com outros homens. Na verdade, as narrativas são as histórias de sua vida, tecidas a partir de atos e palavras, que lhe

permitiram compreender o mundo e o nosso ser. Nesse sentido, esta pesquisa colheu narrativas segundo essa perspectiva teórica.

O interesse concentrou-se no que foi lembrado, no que foi eleito para permanecer para sempre nas lembranças de sua vida, tendo as mesmas a liberdade para falar sobre o que lhes era interessante.

A seguir, apresenta-se um recorte das lembranças do ofício das narradoras, registradas e aqui transcritas segundo a linguagem coloquial e o fluxo em que foram ditas, conservando-lhes o anonimato com o emprego de pseudônimos.

Saberes constituídos na própria experiência

Os saberes experienciais ou práticos desenvolvem-se no exercício da função e na prática da profissão, onde se transformam em saberes específicos, a partir do trabalho diário, bem como no conhecimento do meio em que atua. Assim, os saberes experienciais adquiridos e desenvolvidos pelas narradoras, assumem uma importância relevante, pois passam a ser incorporados “à experiência individual e coletiva sob a forma de habitus e de habilidades de saber-fazer e de saber-ser” (TARDIF, 2002, p. 39).

O conhecimento das narradoras foi constituído pela experiência, e são esses que primariamente valeram de base para seus ofícios, por isso são importantes na compreensão de sua trajetória profissional. As experiências em sala de aula e com a coletividade maior do âmbito educacional, resultaram em habilidades de saber-fazer e saber-ser, similar ao que se lê na citação acima de Tardif.

Aprender a ser educadora aparece como uma vivência original e constituída no exercício diário envolvendo disposição por parte de quem pretende continuar atuando nesta área.

Ilustrando sua disposição, Ademilde manifesta a dificuldade no início de sua carreira em busca de uma adequação ou permanência no ofício de professora e como reagia perante as dificuldades.

Inexperiência né... Não passamos por nenhum treinamento... E já encaramos uma primeira série. Não sei hoje, mas antes quando você iniciava você já pegava uma alfabetização ou uma primeira série, acho que a diretora tinha essa visão de que o começo era mais fácil, mas não é porque ali é a base. Você se doava mais, dava mais assistência pros alunos. Não passávamos por nenhum treinamento... Nem sabíamos o quê que tu ia trabalhar, pegávamos assim os alunos e íamos dando o conteúdo aleatório, não tinha um treinamento, uma semana pedagógica quem nem tem hoje [Gilca].

A inexperiência das docentes trazia-lhes dificuldades para fazer planejamentos de ensino, ou quando o faziam era de forma assistemática e baseadas somente nas observações que detinham de seus momentos enquanto alunas. Agiam agora em papel inverso, tentando, enquanto professoras, aplicar aos seus alunos o que lhes parecia eficaz.

Uma passagem expressa a dificuldade em planejar as aulas e as ações na condição leiga:

No começo foi difícil, mas como sempre fui uma pessoa aberta, conversadeira, sempre as meninas iam me dando dicas, livros, como fazer prova como fazer plano de aula, na creche não era muito puxado... Porque não tem muito planejamento... Meus alunos eram de 5 anos e só tinha reuniões, tem conceito, não tem negocio de lançar nota... lá era o dia todo entrava às 8 e saia às 15 [Violeta].

Do mesmo modo, outra narrativa reflete sobre tal questão:

Ah na época a gente não se preocupava muito em tá fazendo plano de aula, de reunir com os colegas... Pra tirar dúvida né, mas com o passar do tempo isso foi melhorando porque sempre tem as reuniões pedagógicas pra conversar uns com os outros... E a gente trabalha sempre em cima de conteúdos e esses conteúdos que a gente aborda em sala de aula todos são escritos, tirando duvidas onde que tem, e usando sempre nosso plano de aula, que antigamente a gente não era tão cobrado, o cobrado era que a gente tinha que estar em sala de aula, mas o diretor não tava ali pra ver plano de aula, nem mesmo estar andando perto da sala pra ver os alunos perto não acontecia [Antonietta].

Como iniciante no ofício, a narradora conta que tinha autonomia em seu trabalho, uma autonomia que pode ser confundida com isolamento, uma vez que também fala sobre a ausência de acompanhamento do diretor, nem de qualquer outro técnico para supervisionar e orientar o andamento de sua prática pedagógica.

O trabalho das docentes era notoriamente realizado e construído pela prática. A generosidade em compartilhar seus saberes existia timidamente, mas mesmo dessa forma era construída uma cultura coletiva, embora incipiente, de um grupo de educadores.

Antonia faz perceber a temporalidade, a questão da cultura e a disciplina discente, quando reflete que:

Naquela época era melhor, que eu comecei trabalhar, só que assim não era assim, eu nunca fui professora tradicional de falar e o aluno ficar caladinho, encolhidinho... Eu sempre dei liberdade pros meus alunos, mas eu falo assim pra eles darem mais atenção, obedecer né, não querer sair da sala, hoje ate tem que colocar aluno pra fora porque não ta dando de agüentar. Teve um ano que eu sofri muito porque era questão de

adolescente, questão de namoro, foi uma época muito difícil pra mim, mas é questão da metodologia, só tinha mesmo o livro didático, às vezes nem tinha [Conceição].

Sua forma de relacionar-se com os alunos era exercida de maneira mais próxima, particular, e não somente como acompanhamento didático. Percebe-se isso quando afirma que dava liberdade a eles, não se considerando, assim, uma professora tradicional. E por meio dessas experiências de relacionarem-se com os alunos, as narradoras dão grande ênfase à sua experiência no ofício como fonte primária de sua competência, de seu “saber-ensinar”.

Para compreender os saberes referentes à prática docente, foi importante considerar o fato de que tais saberes são incorporados a partir do que se chama de relação constituída; são internalizados no decorrer da prática diária que têm validade na medida em que o contexto no qual a atividade pedagógica cotidiana se insere.

Nessa perspectiva, recuperar o conceito de cultura escolar é fundamental para o entendimento de algumas características dessa discussão. Entende-se a escola como um espaço que permite, favorece e estimula os sujeitos, com atuações projetadas e desempenhadas visando à construção de conhecimentos e a transformação da sociedade. Um ambiente onde deve existir um clima em que as relações se construam a partir de pontos fundamentais como confiança, aquiescência, receptividade, franqueza e respeito mútuo.

Independentemente de sua escolha, a pessoa nasce inserida em um grupo social que apresenta suas práticas culturais, suas narrativas e características de um mundo no qual foi inserida. Nasce num composto cultural no qual interage com ele a partir da aprendizagem de formatos organizacionais e de convívio que são dialeticamente integrados aos seus processos particulares.

Dentro do contexto de cultura e relações estabelecidas, é importante que o professor saiba lidar com as relações de poder dentro do ambiente educacional, principalmente no que tange uma enorme quantidade de conflitos entre o que se entende por autoridade e autoritarismo. Conceitos complexos e que muitas vezes são confundidos. Uma “mulher de ouro” fala um pouco de um fato marcante e intrigante na sua relação com a diretora da escola:

A minha diretora era muito tradicional, muito rígida e a gente discutia. Ela me fez chorar várias vezes. Eu lembro uma vez que eu tava com uma primeira série e no meio do ano eles já tavam bem alfabetizados, eu pegava aluno de todo jeito e já tava bem entrosada, aí ela pediu pra eu trocar de

turma com a filha dela, aí eu disse pra ela que não aceitava, e perguntei por que ela queria que eu trocasse, e ela falou que era justamente por isso, porque meus alunos estavam desenvolvidos e os dela não, e a filha dela só tinha a 5ª série e estava dando aula na primeira, e ela queria que eu deixasse minha primeira série que já estava preparada, pra ir dar aula na alfa da filha dela [Madalena].

Uma afirmação de Foucault corrobora esta discussão ao afirmar que “[...] o poder não existe, existem práticas e relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. E que funciona como uma maquinaria, como uma máquina social (FOUCAULT, 1980, p.138). Esse pensador francês caracteriza o poder como existente na particularidade de cada indivíduo. Nota-se aqui a importância do papel do gestor junto ao trabalho do educador.

Considerações finais

As narrativas compõem o resultado de uma experiência vivida em um contexto que colabora para o entendimento do ofício do professor, nas circunstâncias em que a academia não conseguiu formar os docentes que uma determinada comunidade requeria.

Da apresentação de uma situação particular no âmbito educacional, em que foram apresentadas experiências singulares, entende-se que os registros das falas contribuem inicialmente para suscitar indagações que sustentarão futuras reflexões.

As análises continuam abertas para novos aportes que sejam capazes de colaborar para o entendimento do ofício de professor, possibilitando assim, a construção de novos saberes.

Referências

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v. 1).

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Trad. Roberto Machado, 22. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2002.